

I

No decorrer da terceira década do nosso século, vivia em Düsseldorf sobre o Reno, senão com luxo, pelo menos com abundância, acompanhada de sua filha Anna e de seu filho Eduard, a senhora Rosalie von Tümmmler, viúva há mais de dez anos. Seu marido, o tenente-coronel Von Tümmmler, morrera no começo da guerra, não em pleno combate, mas muita estupidamente de um acidente de automóvel, o que contudo autorizava a versão de que tinha tombado no campo de honra. Golpe duro, aceite com uma patriótica resignação por sua mulher que, mal atingira os quarenta anos, ficara doravante privada do pai dos seus filhos e, pelo que lhe dizia respeito, dum esposo jovial, cujos frequentes desvios da vereda da virtude conjugal eram apenas o resultado dum excesso de vitalidade.

De raça e língua renana, Rosalie tinha passado os vinte anos do seu casamento na industriosa cidade de Duisburgo, a cuja guarnição o senhor von Tümmmler pertencia. Depois da perda do marido, emigrara para Düsseldorf, com sua filha, que atingira os dezoito anos, e o filhito, doze anos mais novo, um pouco por causa dos belos parques que caracterizam esta cidade (a senhora von Tümmmler era fervorosa amiga da natureza), um pouco porque Anna, pessoa séria, mostrava disposições para a pintura e desejava frequentar a célebre Academia das Belas-Artes. Havia dez anos que a pequena família ocupava, numa ruazinha dum bairro residencial, ladeada de tílias e que tinha o nome de Peter von

Cornelius, uma casa rodeada por um jardim, de mobiliário um pouco antiquado mas confortável, e arranjada segundo o estilo em voga na época do casamento de Rosalie. A sua porta hospitaleira abria-se muitas vezes para um círculo restrito de parentes e de amigos, entre os quais figuravam professores da academia e da Faculdade de Medicina, um ou dois casais pertencendo aos meios industriais, que se reuniam em festazinhas noturnas duma animação de bom tom que, segundo os costumes locais, o vinho excitava ligeiramente.

A senhora von Tümmmler era de humor sociável. Gostava de sair e, no limite das suas possibilidades, de ter mesa posta para os seus amigos. O seu carácter simples e jovial, o entusiasmo que se exprimia pelo seu amor à natureza, provocavam a simpatia de todos. Sem ser alta, de busto bem conservado, tinha uma cabeleira abundante e ondulada, com numerosos cabelos grisalhos, e mãos finas em que a idade se acusava porque os anos haviam mosqueado as costas das mãos de numerosas manchas semelhantes a sardas, desgraça contra a qual ainda não se encontrou paliativo. Tinha uma aparência juvenil, graças a um par de vivos e magníficos olhos castanhos, exatamente da cor das castanhas descorticadas, iluminando um rosto cheio de encanto feminino e dos traços mais agradáveis. O nariz mostrava uma tendenciuzinha para corar, que se manifestava particularmente na vida de sociedade, no entusiasmo da conversa. Procurava dar remédio a isso com um bocadinho de pó de arroz. No que fazia mal, aliás, porque, na opinião de todos, isso lhe ficava bem.

Nascida na primavera, e filha do mês de maio, Rosalie festejara o quinquagésimo aniversário com seus filhos e dez ou doze amigos da casa, damas e cavalheiros, em redor duma mesa junçada de flores, no jardim duma pousada, às portas da cidade, iluminado por lampiões multicolores, entre o choque dos copos e as saúdes erguidas ora a sério, ora num tom jocoso. Ela associara-se à alegria geral, não sem algum esforço. Com efeito, havia já bastante tempo, e precisamente nessa noite, que a sua saúde sofria perturbações orgânicas inerentes à sua idade — a diminuição e a extinção da sua feminilidade física que se realizava, ape-

sar dos sobressaltos de resistência psíquica. Daí resultavam angústias, agitações do coração, dores de cabeça, dias de melancolia e uma irritabilidade que nessa noite de festa lhe faziam parecer duma insuportável inépcia os agradáveis discursos que alguns senhores proferiam em sua honra. Tinha trocado a esse respeito olhares um pouco desesperados com sua filha, porque sabia que Anna não tinha necessidade de se encontrar em disposições particulares de impaciência para julgar absurdo esse gênero de humor que se alimentava com os vapores do álcool.

Vivia numa cordial intimidade com essa filha que, sensivelmente mais velha que seu irmão, se tornara para ela uma amiga a quem não ocultava as aflições do seu período transitório. Anna, presentemente com vinte e nove anos e, em breve, com trinta, continuava solteira, o que o egoísmo ingênuo de Rosalie não via com maus olhos. Preferia guardá-la como companheira, na sua casa e na sua vida, a cedê-la a um homem. De estatura mais elevada que sua mãe, a menina von Tümmmler tinha os mesmos olhos castanhos, que, contudo, não eram os mesmos, porque lhes faltava a vivacidade ingênua das pupilas maternas e porque o seu olhar revelava uma frieza refletida. Nascera com um pé boto que, operado na infância sem sucesso duradouro, a afastara da dança e do desporto, em suma, de qualquer participação na vida da juventude. Uma inteligência natural pouco comum, fortificada por esta deficiência, tinha vindo suprir as alegrias que lhe eram recusadas. Acabara — com facilidade, não recebendo mais que duas ou três lições particulares por dia — os seus estudos no liceu e fizera o bacharelato. Depois, sem procurar aprofundar mais nenhum ramo do saber, consagrara-se à arte das formas, primeiro à plástica, depois à pintura, manifestando, já como aluna, uma tendência altamente cerebral. Desdenhosa duma simples imitação da natureza, transfigurava as impressões sensoriais num simbolismo rigorosamente intelectual e abstrato e, muitas vezes, num cubismo matemático. A senhora von Tümmmler contemplava com respeito entristecido os quadros de sua filha, onde o desenvolvimento levado ao seu extremo limite se aliava ao primitivo, o decorativo ao profundo, e um gosto refinado das combinações da cor à ascese da forma.

— É notável, muito notável, querida filha — dizia ela. — O professor Zumsteg vai apreciá-los. Ele encorajou a tua «maneira» e tem os olhos e a compreensão que este género requer. Porque são necessários olhos e compreensão. Como chamas tu a isto?

— Árvores ao vento da noite.

— Ora aí está uma coisa que nos esclarece um pouco sobre as tuas intenções. Estes cones e estes círculos sobre um fundo cinzento-amarelo querem figurar árvores, e esta linha singular que sobe e se desenrola em espiral, o vento da noite. Interessante, Anna, interessante. Mas por Deus, minha filha, que fazes tu da amável natureza? Se ao menos por uma vez, dotada como és, consentisses em dirigir-te à nossa sensibilidade e lhe oferecesses qualquer coisa que enternecesse o coração: uma bela natureza-morta, flores, um ramo fresco de lilases, tão semelhantes que se supusesse respirar o seu delicioso perfume, e ao lado do vaso algumas graciosas figurinhas de porcelana de Meissen, um cavaleiro que envia um beijo a uma dama, e tudo isso refletido na superfície da mesa luzidia e polida...

— Pára, pára, mamã! Tu tens verdadeiramente uma fantasia transbordante! Mas, presentemente, não é possível pintar dessa maneira!

— Anna: não vais tentar persuadir-me de que, com o teu talento, não poderias pintar qualquer coisa desse género que reconforte o coração...

— Não percebeste as minhas palavras, mamã. Não se trata de saber se eu poderia. Não se pode. O estado atual da época e da arte não o permite já.

— Tanto pior para a época e para a arte. Não, perdão, minha filha, não era isso que eu queria dizer. Se é o progresso da vida que se opõe a tal, os desgostos não têm razão de ser. Pelo contrário, seria triste ficar aquém. Compreendo perfeitamente. E compreendo também que é preciso génio para imaginar uma linha tão sugestiva como essa linha que traçaste. A mim, ela não me diz nada, mas percebo nitidamente que é muito sugestiva.

Anna afastou dela, para beijar sua mãe, a paleta e o pincel húmido que tinha na mão. E Rosalie beijou-a também, feliz na sua

alma pelo facto de a filha, graças a uma atividade, é certo à margem do mundo, e que lhe parecia asfixiante, mas que era contudo artesanal e prática, encontrar no seu gabão de pintora uma consolação e uma compensação para muitas renúncias.